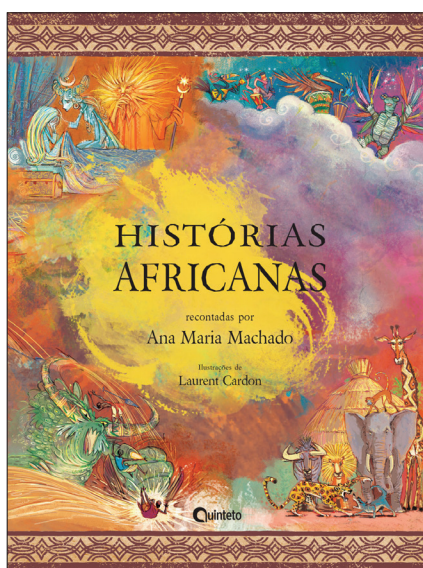


# Material de apoio ao professor

## Histórias africanas



**LIVRO** *Histórias africanas*

**AUTORA** Ana Maria Machado

**ILUSTRADOR** Laurent Cardon

**NÚMERO DE PÁGINAS** 56

**CATEGORIA** 5 – 4º e 5º anos – Ensino Fundamental

**TEMA**  
Encontros com a diferença

**GÊNERO**  
Conto

Este material tem a finalidade de colaborar com educadores empenhados em fazer da leitura uma ferramenta para o autoconhecimento e para o conhecimento do mundo. Tornar a leitura um hábito na vida das crianças é nossa responsabilidade e também um grande prazer. Ajude-as a ter a chance de descobrir nas páginas de um livro muita diversão, cultura, informação e, acima de tudo, um novo jeito de ver o mundo.

Aqui você encontra:

- Contextualização do autor e da obra.
- Motivação do estudante para a leitura/escuta.
- Informações que relacionam a obra aos seus respectivos temas, categoria e gênero literário.
- Subsídios, orientações e propostas de atividades.
- Orientações para as aulas de Língua Portuguesa que preparem os estudantes para a leitura da obra (material de apoio pré-leitura), assim como para sua retomada e problematização (material de apoio pós-leitura).
- Orientações gerais para as aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

## PARTE I – OBRA, AUTORA, TEMA, CATEGORIA E GÊNERO

### 1. Contextualização da autora e da obra

#### ***A obra***

*Histórias africanas* reconta quatro contos populares da cultura africana. Nele, há narrativa sobre amor e determinação, “A filha do Sol e da Lua”; sobre amizade e lealdade, “Mesmo lugar, outra festa”; sobre trabalho em equipe, “Os viajantes e o monstro”; e sobre altruísmo e relações sociais, “As garras do Leopardo”. E todos os contos possuem algo em comum: vêm sendo contados de geração a geração, para ensinar princípios éticos e morais.

#### ***Sobre a autora***

**Ana Maria Machado** é autora de mais de cem livros. É traduzida em 19 países. Em 2000, ganhou o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil mundial. Em 2001, recebeu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis. Em 2003, entrou para a Academia Brasileira de Letras. Em fevereiro de 2011, recebeu o Prêmio Príncipe Claus 2010, da Holanda, concedido a artistas e intelectuais de reconhecida contribuição nos campos da cultura e do desenvolvimento.

#### ***Sobre o ilustrador***

**Laurent Cardon** nasceu na França, mas mora no Brasil desde 1995. Ilustrou muitos livros, publicou seis livros de imagem e foi premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Estudou animação em Paris e trabalhou na China, na Coreia, na Espanha e no Vietnã. Tem um estúdio de grafismo e animação.

### 2. Motivação do estudante para a leitura/escuta

As histórias de tradição oral são muito importantes para a formação leitora de crianças e jovens. Além de recuperarem tradições socioculturais de um povo e de uma época, essas

histórias ajudam a responder perguntas como: “quem somos” e “de onde viemos”. *Histórias africanas* traz contos da tradição africana, matriz cultural que ajudou a formar a brasileira, influenciando a cultura e os costumes do país. Assim o jovem leitor pode se identificar com elas e com as mensagens que trazem. Os contos são interessantes, divertidos, cheios de diálogos e personagens nos quais os alunos podem se reconhecer – mesmo quando os personagens são animais, como é o caso do conto “Mesmo lugar, outra festa”.

### **3. Informações que relacionam a obra aos seus respectivos temas, categoria e gênero literário**

Ana Maria Machado, uma das mais importantes escritoras brasileiras, recebeu em 2000 o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil mundial. A autora registra e explora o jeito brasileiro de falar a Língua Portuguesa com um leve toque de humor, todo seu. Respeita a inteligência e a sensibilidade da criança. Por trás das aventuras e peripécias, nas suas obras há sempre um sentimento de solidariedade, de indignação contra os preconceitos e denúncia das injustiças.

Essas qualidades se evidenciam no reconto de quatro contos tradicionais africanos – de vários povos – selecionados pela autora e reunidos no livro *Histórias africanas*, compondo, nas suas palavras, “uma pequena amostra do riquíssimo universo da tradição oral africana”. Um deles, “Mesmo lugar, outra festa”, é uma versão nigeriana do brasileiro “Festa no céu”. Os contos tematizam os “Encontros com a diferença”, sendo indicados para os estudantes do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental, de acordo com as habilidades e as competências descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O volume é enriquecido por um prefácio da própria autora, por um projeto gráfico inspirado nas várias artes da África e pelas ilustrações do francês Laurent Cardon, que exploram as fisionomias e os gestos dos personagens – tanto humanos como animais – e ângulos inusitados, com uma linguagem que evoca o dinamismo dos filmes de animação. Uma obra

que contribui para o letramento literário do leitor e para sua formação cidadã, incentivando-o a reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade que caracteriza o país.

#### **4. Subsídios, orientações e propostas de atividades**

*Histórias africanas* contribui para a formação leitora da criança nas práticas de linguagem associadas a vários campos de atuação, em especial o artístico-literário, descritos na nova BNCC, especialmente no que se refere às seguintes habilidades:

- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- (EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
- (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- (EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.
- (EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
- (EF35LP22) Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto.
- (EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

- (EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.
- (EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e discurso direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variedades linguísticas no discurso direto, quando for o caso.
- (EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.
- (EF05LP24) Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
- (EF35LP10) Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).

Ao ler *Histórias africanas* vale a pena observar alguns aspectos:

- Os contos de tradição oral contêm elementos constitutivos da psiquê de todos os seres humanos, que, em qualquer tempo e lugar, conhecem o medo, a inveja, a solidariedade, a bondade, a amizade e outros atributos que nos constituem como raça humana. Entrar em contato com esses mitos e compreendê-los no contexto do país em que vivemos é um exercício formativo e educativo.

- As histórias de tradição oral, por serem atemporais, promovem um encontro intergeracional, um resgate da memória social e também familiar, uma leitura compartilhada, propiciando uma troca de experiências que são muito ricas para o desenvolvimento infantojuvenil.
- *Histórias africanas* inspira a discussão, tão necessária nos dias de hoje, das questões de diversidade social e cultural. Com influências europeias, orientais, indígenas, dentre outras, essas histórias tradicionais da África são um exemplo concreto da convivência respeitosa com os diferentes sem negar as características peculiares de cada região e de cada etnia.
- Em tempos *líquidos*, em que as informações são sempre muito rápidas e superficiais, o trabalho com o que é *antigo* e ancestral permite o contato com outro tempo, aquele que possibilita divagar, questionar, ler, reler, perguntar, responder e tornar a questionar. Esse exercício do *não lugar* em que se passam esses enredos, do tempo não marcado, do ver e rever, provoca uma reflexão sobre o momento atual e sobre outras possibilidades de viver plenamente em tempos tão incertos.

## PARTE II – LÍNGUA PORTUGUESA

### 1. Material de apoio pré-leitura

Contar histórias, em todas as culturas, sempre foi um modo de expressar valores e incentivar virtudes. Nada como as histórias de tradição oral para revelar o modo de sentir e de viver de um povo. As quatro histórias recontadas em *Histórias africanas* por Ana Maria Machado revelam um pouco da riqueza cultural dos povos africanos.

Os textos são contos no que se refere à estrutura narrativa, mas são recontos porque não são criações originais da autora; ela selecionou fontes, pesquisou e escreveu com seu estilo histórias que já circulavam pela sociedade. O reconto pode ser tanto oral quanto escrito. Antes da leitura dos recontos, sugere-se ler com os alunos o texto “Um tesouro inesgotável”, no qual Ana Maria Machado fala um pouco de seu processo de pesquisa para o reconto.

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), em seu glossário de Termos de alfabetização, leitura e escrita para os educadores, define reconto desta forma:

Reconto é a reconstrução oral de um texto já existente. [...] A capacidade de recontar é influenciada pelas experiências letradas das pessoas, seu contato com livros e leitores, sua exposição à escrita e à atividade de compor textos – tanto orais quanto escritos. [...] Durante o reconto, a análise do texto modelo acontece sobre seu conteúdo e estrutura – como, no caso de um conto clássico, a organização temporal e causal, a complexidade dos episódios, as marcas típicas, as formas fixas e as restrições do gênero textual. Na reconstrução do texto, o que se busca é a apropriação do texto modelo, com pouca flexibilidade para criações e modificações que se distanciem dele.

SÁ, Alessandra Latalisa de. “Reconto”. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro Bregunci (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para*

educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/reconto>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

A leitura de *Histórias africanas* propiciará aos alunos entrarem em contato com a rica cultura africana e também experimentarem o reconto. (O texto completo do verbete está disponível no *site* do Ceale. Nele, encontram-se também dicas de como trabalhar com o reconto em sala de aula.)

A leitura desse livro, portanto, leva o aluno a entrar em contato com um texto do gênero conto, que é um texto mais curto que o romance e a novela, mas, como seus parentes mais longos, apresenta em sua estrutura narrativa personagens, enredo, narrador, expressando um ponto de vista. Outra particularidade importante do conto é que, por ser curto, em geral apresenta apenas um clímax. Podem ou não aparecer diálogos no conto, dependendo das escolhas estilísticas do autor, da opção pelo discurso direto ou indireto.

Em *Histórias africanas*, o conto apresenta diálogos, e pode-se ressaltar isso para os alunos. É importante explicar que os diálogos são introduzidos por travessão e podem ser acompanhados de um verbo enunciativo (*perguntar, responder, dizer, gritar, explicar*). Cada verbo enunciativo é utilizado com um propósito no texto. *Dizer* e *gritar*, por exemplo, indicam duas maneiras de falar uma frase e uma intencionalidade.

Pode-se mencionar também o uso da pontuação de final de frase, que varia conforme a entonação que o autor quer imprimir à fala de um personagem nos diálogos. No texto, são utilizados o ponto-final, o ponto de exclamação e o ponto de interrogação. Na leitura em voz alta de um trecho do livro, pode-se chamar a atenção dos alunos para o fato de que precisam mudar a entonação quando a frase terminar com diferentes tipos de pontuação. É um exercício muito divertido permitir a cada aluno que leia um trecho do texto mudando a entonação conforme a pontuação.

Antes da leitura, chamar a atenção dos alunos para a materialidade do livro, mostrando os elementos da **capa**



(título do livro, nome do autor e do ilustrador, ilustrações, logo da editora) e da **quarta capa** (texto de quarta capa e ilustrações). Ler com eles o texto de quarta capa e, com base nele e nas ilustrações de capa e quarta capa, pedir-lhes que falem sobre o que esperam da história. Pode-se anotar essas observações em uma folha à parte e, depois da leitura, voltar a elas com os alunos para ver quais foram concretizadas.

### **Sobre o texto ilustrado**

*Histórias africanas*, indicado para alunos a partir do 4º ano, é ricamente ilustrado por Laurent Cardon, com uma paleta de cores bem colorida. As ilustrações apresentam uma narrativa complementar à narrativa escrita, tão importante quanto a narrativa expressa por meio de palavras. Hoje, em uma sociedade que se comunica tanto pelo visual quanto pelo verbal, saber ler imagens e narrativas imagéticas é fundamental para um desenvolvimento pleno de todas as capacidades comunicativas dos alunos. Ciza Fittipaldi, ilustradora brasileira, comenta o processo de construção da narratividade visual, num texto que pode ajudar o professor na hora de trabalhar com os alunos a questão da interação entre narrativa escrita e narrativa visual:

Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar. A menor presença formal num determinado espaço já é capaz de produzir fabulação e, portanto, narração. Claro que a figurativização torna a narrativa mais acessível, pois a comunicação é mais imediata, o processo de identificação das figuras como representações é mais rápido do que numa expressão gráfica ou pictórica formalmente abstrata (que se pretende desvinculada da função de representação). Se a essa presença formal é conferida uma dimensão temporal, a dimensão de um acontecimento, então a narratividade já está em andamento. Se ao olharmos uma imagem podemos perceber o acontecimento em ação, o estado representado, uma ou mais

personagens “em devir”, podemos imaginar também um (ou mais) “antes” e um (ou mais) “depois”. E isso é uma narração. Entre as histórias narradas nos textos escritos de um livro literário e as narrativas configuradas nas ilustrações do mesmo livro há correspondência sem necessariamente haver repetições. Escrita e imagem são companheiras no ato de contar histórias. [...]

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil*. São Paulo: DCL, 2008. p. 103.

A ilustração não é mera tradução visual do texto e, portanto, contribui para que coexistam, na obra, dois discursos em permanente contato. Em *Histórias africanas*, a ilustração tem maior potencial de enriquecer a leitura:

Ilustração e texto convivem e interagem no mesmo espaço: seja um livro, seja uma página de revista, seja um cartaz, seja uma tela de computador. Nesse sentido, a ilustração não pode ser vista – repito não pode ser vista – como uma tradução do texto, como uma espécie de tradução da linguagem verbal para a linguagem visual. [...] A ilustração, porém, não é uma imagem que traduz um texto, ela é uma imagem que acompanha um texto, criando uma diferença em relação a traduções do verbal para o visual – ou audiovisual – [...] já que os textos verbais, os textos pictóricos, os textos audiovisuais etc. estão sobre suportes diferentes, ao contrário da ilustração, que compartilha o mesmo suporte que o texto.

No livro ilustrado interagem duas linguagens e, assim, dois tipos de texto, compondo um texto híbrido, verbo-visual. Dois textos – ou dois discursos – em diálogo. [...] Se o texto visual não repete o que diz o texto verbal, a busca de equivalências parece ser ainda menos apropriada para se falar sobre a relação entre texto e ilustração.

[...] Se o discurso verbal e o discurso visual formam dois discursos – um diálogo –, então é preciso ir além da busca

de coerência entre texto e ilustração e superar a busca de fidelidade das ilustrações ao texto, pois essa perspectiva empobrece a leitura das obras.

[...]

CAMARGO, Luís. *Para que serve um livro com ilustrações.*

Texto gentilmente cedido para este material.

É interessante observar com os alunos a paleta de cores usada pelo ilustrador. Ela é muito colorida e passa uma sensação de alegria e diversão. Muitos povos africanos usam tecidos coloridos na manufatura de suas roupas, além de pinturas e ornamentos corporais. Esse ponto de convergência entre ilustrações e cultura pode ser retomado depois da leitura.

### ***Um pouco de História: Brasil e África***

O Brasil tem como uma de suas matrizes culturais a matriz africana. A História do Brasil e a da África se encontram com as viagens dos portugueses em busca de novas terras. O europeu português traz ao Brasil africanos de várias etnias e os submete a escravidão, assim maximiza os lucros por não ter de pagar pela mão de obra. Essa realidade vergonhosa, infelizmente, perdurou na sociedade brasileira, e em muitas nações pelo mundo, até fins do século XIX, mas a desigualdade criada por ela pode ser vista até hoje no país, quando comparadas as oportunidades educacionais e de emprego de brancos, negros e descendentes.

O trecho a seguir mostra um pouco do legado da cultura africana no Brasil:

A cultura africana trazida pelos escravizados é determinante para a identidade brasileira. Seus elementos estão presentes de diferentes formas.

Conhecer a história da presença africana no Brasil é um importante passo para compreender o papel das influências afro-brasileiras na construção social, cultural e mesmo política do Brasil nos dias de hoje.

O conhecimento técnico dos escravizados africanos foi importante para o desenvolvimento das atividades na colônia. É o caso, por exemplo, da prática em agricultura e do conhecimento em metalurgia. Ambos tiveram impactos práticos nas culturas açucareira e mineradora.

Já outras relações culturais são mais difíceis de serem identificadas. Muitas práticas se perderam na vida cotidiana e não foram registradas nos documentos ou na cultura material. Podemos, no entanto, fazer algumas inferências com base nos elementos da cultura afro-brasileira existentes até os dias de hoje. Ou, então, investigar fontes documentais posteriores ao período escravista e procurar identificar hábitos que permaneceram por longos períodos de tempo. As africanas (no feminino, pois as tarefas de casa eram atribuições que cabiam às mulheres, de acordo com a ideologia patriarcal da época) que trabalhavam nos cuidados domésticos, por exemplo, conservaram modos de preparar os alimentos, mesmo conhecendo novas plantas e comidas e novos preparos. [...]

As músicas, os ritmos, as danças – aspectos ligados às religiões politeístas africanas – também foram preservados desde os primeiros anos da presença de escravizados no Brasil. Há vários registros de cantos africanos que permaneceram no imaginário de trabalhadores escravizados que já eram nascidos em terras brasileiras, transmitidos oralmente pelas gerações anteriores. Muitos desses cantos eram entoados nas atividades de trabalho, de maneira cadenciada, marcando movimentos e ritmos.

D'AMORIM, Eduardo. *África e Brasil: História e cultura*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016. p. 112-113.

Antes da leitura do livro, pode-se propor uma pesquisa sobre aspectos históricos e culturais da migração forçada dos grupos étnicos africanos para o Brasil. Essa pesquisa está alinhada com o que é proposto pela BNCC para os alunos de 4º ano, em História: "(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com

base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo”. Também ajuda a desenvolver as competências Conhecimentos, subdimensão Busca de Informação, e Repertório cultural, dimensão Identidade e diversidade cultural. Ressaltar para os alunos que eles devem procurar as informações em fontes confiáveis da internet e em livros e explicar que devem dar o crédito e fazer referência à fonte utilizada. (Nesse momento, pode ser necessário um debate sobre o que é uma fonte confiável.) Sugere-se separar a turma em grupos e atribuir a cada grupo um tema para pesquisa. A turma pode listar os temas que gostaria de pesquisar e definir como gostaria de apresentar a pesquisa. Depois da leitura, reunir os alunos para que eles tentem relacionar as informações levantadas com o livro: “Que traços da cultura africana eles podem encontrar nos contos?”.

### **Atividades**

O contato com a diversidade de gêneros literários e com o número de títulos disponíveis é um dos fatores preponderantes para a formação de leitores competentes. Segundo a BNCC, é desejável que as atividades de leitura considerem a diversidade cultural “de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa [...] de forma a garantir a ampliação do repertório, além de interação e trato com o diferente”.

As atividades a seguir podem auxiliar o professor no preparo de situações de leitura, com o objetivo de desenvolver a fruição literária, as competências específicas de Língua Portuguesa em diversas práticas de linguagem dos mais variados campos de atuação, em especial o artístico-literário.

- Chamar a atenção dos alunos para a materialidade do livro, mostrando os elementos da capa (título do livro, nome do autor e do ilustrador, ilustrações, logo da editora) e da quarta capa (texto de quarta capa e ilustrações). (Habilidade de referência: EF15LP02.)

- Ler com os alunos o texto de quarta capa e, com base nele e nas ilustrações de capa e quarta capa, pedir que falem sobre o que esperam da história. Pode-se anotar essas observações em uma folha à parte e, depois da leitura, voltar a elas com os alunos para ver quais foram concretizadas. (Habilidade de referência: EF15LP02.)

## 2. Material de apoio pós-leitura

### *Trabalhar a leitura em sala de aula: reconto oral e escrito*

Trabalhar literatura e leitura em sala de aula precisa ser uma atividade alinhada às necessidades dos alunos. Não deve ser apenas uma checagem de informações, para verificar se eles sabem nomes de personagens ou o que fizeram em determinada situação. Isso deve ser prazeroso, um momento em que os alunos desfrutem não só a leitura, mas a reflexão sobre a leitura, uma reflexão tanto individual quanto coletiva.

Vera Casa Nova, no texto “Leitura e cidadania”, fala um pouco a respeito da relação entre ler e escrever sobre o que se leu:

Se a leitura associa-se ao prazer insistentemente, o mesmo não acontece com o escrever. Escrever a leitura é diferente de interpretar, da mesma forma que redação é diferente de Produção de texto.

[...]

O trabalho de leitura que inclui a escrita da leitura não é um estereótipo. Se os professores se acostumaram aos estereótipos de leitura é preciso libertarem-se de amarras ditas, ou pretensamente científicas, para que a leitura realmente aconteça. [...]

São necessárias mudanças de postura diante da folha em branco. Falas, “escrevências”, rituais, simbólicas, sociais fazem parte dos jogos, dos trabalhos de linguagem que perpassam cidadão, indivíduo ou sujeito.

[...]

[...] É lendo e escrevendo nossas leituras e fazendo com que os alunos reproduzam essa *dynamis* que construiremos dias melhores.

NOVA, Vera Casa. Leitura e cidadania. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 113, 115.

Sobre a oralidade e a contação de histórias, Josse Fares e Paulo Nunes nos falam da importância no texto "Abre-te, Sésamo! Ou por uma poética da oralidade":

A defesa da retomada de uma atitude oral cotidiana na didática da sala de aula de hoje, ao nosso ver, contempla diversos desejos. O primeiro, e decisivo, é a necessidade de reinterpretação de uma forma de transmissão do conhecimento que o passado histórico nos proporcionou. Dizer um texto em voz alta, de certo modo, é a recuperação da técnica que os aedos, jograis e menestrelis nos legaram. Pergunta-se, quem não gosta de ouvir histórias? Quem se isenta de escutar alguém que tem na manga da camisa um intrigante enredo a socializar?

[...]

Precisamos, à moda de nossos avós índios e nossos pais caboclos, acalantar o sonho de crianças e jovens, contando-lhes histórias dos tempos imemoriais, em que plantas e animais ensinavam ao homem o que este desejava aprender; tempos de quando o homem e a natureza faziam par, eram desdobramentos de um mesmo corpo. As artimanhas do imaginário contribuirão, assim, para redesenhar o contorno de gerações presentes e futuras, preparando terreno para o plantio do texto escrito.

FARES, Josse; NUNES, Paulo. Abre-te, Sésamo! Ou por uma poética da oralidade. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia

Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 108, 109, 110.

Pode-se fazer uma roda com os alunos e perguntar a eles de qual conto gostaram mais e o motivo. Pedir que falem de cada história e verificar se eles perceberam os recursos literários e estilísticos utilizados pela autora nos contos. Ana Maria Machado costuma usar uma linguagem mais coloquial em seus textos, com o uso de diálogos, que podem deixar o texto mais dinâmico e reproduzem no texto escrito a fala humana e a comunicação cara a cara. (Para saber mais sobre o diálogo na literatura, consultar o texto “Considerações sobre o diálogo na literatura”, disponível em: <<https://trendr.com.br/consideracoes-sobre-o-dialogo-na-literatura-3e6bad9b6e5>>. Acesso em: 4 maio 2018.)

Depois da conversa, ainda em roda, retornar ao livro e observar com os alunos aspectos narrativos como: os textos são em terceira ou em primeira pessoa, eles apresentam descrição de personagens e cenários, como esses aspectos contribuem para o texto. Não é necessário fazer esse exercício com todos os contos; pode-se escolher um e discutir com os alunos essas características. Espera-se que todos participem da atividade sem receber respostas prontas, para que eles percebam os elementos formadores do texto. Essa atividade trabalha a habilidade: “(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas”. Propor, depois, que os alunos recontem uma das histórias, ou mais de uma, de forma coletiva. O aluno à direita do professor começa recontando e o seguinte continua, e assim sucessivamente. A intenção não é que eles sejam fiéis ao texto, mas passem a história. O reconto oral, geralmente, acaba mudando a história: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Essa atividade ajuda a desenvolver a competência Comunicação, subdimensões Escuta e Expressão.



Após essa atividade, propor aos alunos que escrevam um texto sobre a leitura feita. Eles devem elaborar um texto crítico em que comentem por que gostaram ou não gostaram das histórias. Essa atividade pode ser feita no papel ou em redes sociais, em um blog ou em outras plataformas colaborativas, para que os alunos compartilhem suas impressões sobre o livro. Pode-se também incentivá-los a usar a rede social Skoob, que é dedicada a compartilhamento de leituras na internet. Nessa atividade, o importante é que os alunos falem de suas impressões da leitura e reflitam sobre os motivos que os fazem gostar ou não gostar de um livro.

### **Atividades**

As atividades a seguir podem auxiliar o professor na reflexão após a leitura, com o objetivo de potencializar os efeitos da fruição literária, as competências específicas de Língua Portuguesa e diversas práticas de linguagem previstas na BNCC.

- Com base na leitura do livro, apresentar aos alunos o gênero textual conto popular. Explicar a eles que, assim como os contos maravilhosos, são narrativas transmitidas oralmente e sua estrutura consiste de uma situação inicial (normalmente introduzida pelo famoso “era uma vez”), seguida de um ou mais acontecimentos (alguma transformação na ordem, precedida de expressões como “até que um dia”) e um desfecho (“e viveram felizes para sempre”). Em seguida, pode-se convidá-los a redigir um conto popular que se enquadre na categoria de lenda urbana, enfatizando que esse tipo de narrativa tem a particularidade de ser ambientada em uma cidade. Promover uma roda de conversa para que compartilhem oralmente seu conto com os colegas. (Habilidade de referência: EF15LP16.)
- Apresentar à turma o conceito de provérbio ou ditado popular, destacando que se trata de uma interessante manifestação cultural. Em seguida, pedir aos alunos que realizem uma pesquisa – na internet ou com os pais e

avós – sobre o tema e tragam para a sala de aula os três provérbios que tenham achado mais interessantes. Depois, em uma roda de conversa, tentar associar os provérbios às narrativas do livro. (Habilidade de referência: EF05LP24.)

- Se os contos populares são transmitidos de geração a geração, nada melhor do que perguntar aos mais velhos sobre as histórias que ouviram dos seus antepassados. Estruturar com os alunos um modelo de entrevista, com o objetivo de colher os depoimentos de uma ou duas pessoas sobre o folclore da família. Se possível, convidar um parente para ir à escola contar a eles as narrativas que marcaram sua infância, estimulando-os a fazer perguntas. (Habilidade de referência: EF35LP10.)

### PARTE III – INTERDISCIPLINARIDADE

O trabalho interdisciplinar entre Arte, História e Língua Portuguesa possibilita que os alunos reflitam sobre representatividade nas artes e na moda da cultura africana do passado e do presente na sociedade, e também sobre o papel deles como agentes de mudanças. Pode-se trabalhar com a competência Empatia e cooperação, em suas seis subdimensões: Valorização da diversidade, Alteridade (acolhimento do outro), Acolhimento da perspectiva do outro, Diálogo e convivência, Colaboração, Mediação de conflitos.

A seguir são transcritos alguns trechos de textos de consulta, com a indicação de onde encontrar esses textos para a leitura integral.

A partir da Lei 10.639/03, que obriga o ensino sistemático da História das Culturas Africanas e Afro-Brasileira em sala de aula, as Artes Plásticas passam a ser uma das protagonistas na transmissão da cultura afrodescendente às gerações em formação. Também chamada Educação Artística, as Artes Plásticas devem introduzir a produção artística, até então chamada de “afro-brasileira”, como construtora de “fazeres” e “saberes”. Se antes o foco no ensino de Artes era a produção modernista, agora o trabalho do professor de Educação Artística deve, obrigatoriamente, extrapolar esta escolha e limitação, passando a investigar, presentificar e apresentar a produção artística desenvolvida por negros. Nela, a marca do negro está ora tendo o negro como representador, ora como representado.

SANTOS, Renata A. P. Felino dos. *A representação do negro nas artes plásticas brasileiras: diálogos e identidades*. Disponível em: <[http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura\\_afro\\_brasileira/representacao\\_negro\\_nas\\_artes\\_plasticas\\_brasileiras\\_e\\_bibliografia\\_basica.pdf](http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura_afro_brasileira/representacao_negro_nas_artes_plasticas_brasileiras_e_bibliografia_basica.pdf)>. Acesso em: 4 maio 2018.

\* \* \*

Falar sobre arte colonial brasileira é referir-se à toda produção artística produzida no Brasil entre os séculos XVI e XIX. Esta pesquisa, entretanto, terá como foco de estudo as imagens de negros produzidas nesse período por artistas europeus que estavam no Brasil. Nesse caso serão estudadas as obras de arte do século XVII a XIX. Pois se consideram artistas viajantes, aqueles que chegaram ao Brasil a partir de 1630. Segundo Miguel Luiz Ambrizzi na Capitania de Pernambuco em 1630 chegam holandeses comandados por Maurício de Nassau juntamente com os artistas Albert Eckhout e George Marcgraff, além de geógrafos, médicos, engenheiros, geômetras e botânicos.

[...]

Realizar estudos em torno da arte que apresentava a figura do negro é entender que será necessário percorrer caminhos entre a história, arte e sociologia para compreender o contexto no qual tais obras estavam inseridas para então fazer uma análise crítica que levará aos estudos das relações étnico-raciais. [...]

Pensar num trabalho na escola que tenha uma abrangência sobre o estudo de Arte e as relações étnico-raciais no Brasil a partir de obras do passado, é entender que se fará necessário compreender esse passado a partir de vários olhares. Elaborar e desconstruir significados e conceitos anteriores, acrescentar e reelaborar novos pensamentos. É buscar analisar de forma crítica e investigativa unindo o universo das artes plásticas e da história no ambiente escolar. Entender como as artes visuais produzidas no período colonial podem contribuir para conhecer e analisar nossa história e a construção de nossa identidade. Perceber que essa história foi construída a partir de muitas individualidades. [...]

SILVA, Paula Cristiane de Sousa. *A representação do negro na arte do Brasil colônia e suas relações com o estudo da cultura afro-brasileira na escola*. Especialização em ensino de Artes Visuais. Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2015. p. 10-11. Disponível em: <<http://www>.

[bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A9KH2H/monografia\\_paula\\_cristiane\\_de\\_souza\\_silva.pdf?sequence=1](http://bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A9KH2H/monografia_paula_cristiane_de_souza_silva.pdf?sequence=1) >. Acesso em: 4 maio 2018.

\* \* \*

A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. [...] Com a Lei 10.639/03 também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares. O dia da consciência negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil. Sendo assim, como trabalhar com essa temática em sala de aula? Os livros didáticos já estão quase todos adaptados com o conteúdo da Lei 10.639/03, mas, como as ferramentas que os professores podem utilizar em sala de aula são múltiplas, podemos recorrer às iconografias (imagens), como pinturas, fotografias e produções cinematográficas.

CARVALHO, Leandro. *Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana*. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm>>. Acesso em: 4 maio 2018.

\* \* \*

A moda que abriga influências africanas ganha espaço nas passarelas do mundo inteiro, mas não apenas isso: estilistas, modelos e artistas africanos também ganham destaque. As cores, tecidos e texturas contam histórias de um continente diversificado, propagado por personalidades como a estilista senegalesa Adama Paris. Há 12 anos, ela fundou a Dakar Fashion Week, uma fonte de exposição da moda de toda a África Ocidental que cresce a cada ano.  
[...]

LUZ, Natalia da. "A moda africana conta a nossa história. Eu me sinto uma mediadora entre a África e o resto do mundo", diz

Adama Paris. *Por dentro da África*, 17 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/moda-africana-conta-nossa-historia-eu-sinto-uma-mediadora-entre-africa-e-o-resto-mundo-diz-adama-paris>>. Acesso em: 4 maio 2018.

\* \* \*

Em sua extensa retrospectiva de 35 anos de trabalho, as pinturas de **Kerry James Marshall** variam de pastorais urbanos até retratos inspirados no Renascimento, sutilmente saindo de abstrações para interiores domésticos e romantizados. No entanto, independentemente do estilo, substância ou cenário, as obras convergem para um único elemento: a negritude não diluída da pele de seus personagens.

[...]

"A negritude não é negociável nessas pinturas", Marshall explicou em uma entrevista concedida em outubro à "T Magazine". "É também inequívoco – eles são negros –; é isso que quero que as pessoas identifiquem imediatamente. São negros para demonstrar que a negritude pode ter complexidade. Profundidade. Riqueza."

TERTO, Amauri. Kerry James Marshall é o pintor que traduz a força da cultura negra em telas. *HuffPost Brasil*, 13 jan. 2017. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2017/01/13/kerry-james-marshall-e-o-pintor-que-traduz-a-forca-da-cultura-ne\\_a\\_21698450/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/01/13/kerry-james-marshall-e-o-pintor-que-traduz-a-forca-da-cultura-ne_a_21698450/)>. Acesso em: 4 maio 2018.

Esses trechos selecionados passam um panorama da situação da representatividade dos negros na pintura brasileira e na moda internacional e da obrigatoriedade de estudar agora a história e a cultura dos negros que formaram a nação brasileira e compuseram culturalmente nossa nação.

Pode-se apresentar projetos que abranjam a temática representatividade dos negros nas obras de arte e na mídia de modo geral. Propor com o professor de Arte uma visita a um museu para que observem as obras de arte e identifiquem em quantas aparecem pessoas negras. Caso não existam museus na região da escola, pode-se acessar um

museu *on-line* para fazer um *tour* virtual. Eles devem fazer anotações sobre as obras, observando como os negros são representados e em que contexto.

Depois, eles podem pesquisar nas bancas, em livrarias e na internet quantas revistas foram lançadas no mês e em quantas dessas revistas há modelos e /ou atores negros. Pedir-lhes que façam o levantamento do número e vejam qual é a porcentagem do mês. O próximo passo é pesquisar na internet, nos últimos seis meses das principais revistas do Brasil, o mesmo que pesquisaram anteriormente.

Em dia determinado, os alunos devem apresentar todas as informações pesquisadas, com imagens, para a turma, comentando o que acharam e comparando as informações encontradas. Pode-se instigá-los a refletir criticamente sobre os dados encontrados e a pensar na necessidade de um país precisar ter uma lei para que o estudo da história e da cultura africana seja fornecido nas escolas e pelos materiais didáticos.

As seguintes habilidades são trabalhadas nessa atividade:

#### **Arte**

- (EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

#### **História**

- (EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

### **Projeto multidisciplinar**

Um livro sempre permite múltiplas leituras e abordagens multidisciplinares e transdisciplinares, ainda mais no Ensino Fundamental, quando o professor navega pelas diferentes

disciplinas e consegue integrá-las e interligá-las com base em um tema gerador.

O projeto **As asas das palavras** destina-se ao exercício multidisciplinar de algumas das questões abordadas no livro. Esse projeto propõe valorizar e dar sequência a essa escolha de registro narrativo – a narração de histórias oralmente –, por meio da formação de grupos de contadores que levarão adiante, na fala e na escrita, uma história contada de um grupo a outro.

- 1 Dividir a turma em seis grupos, que podem se chamar: 1A, 1B, 2A, 2B, 3A e 3B. Os grupos serão responsáveis pelo registro de uma história de tradição oral.
- 2 Providenciar três suportes de papel (cadernos ou folhas avulsas), que serão utilizadas pelos grupos 1A, 2A e 3A, e três gravadores de voz, que serão utilizados pelos grupos 1B, 2B e 3B.
- 3 Selecionar uma história curta para contar aos alunos, se possível de origem africana.
- 4 Separar os grupos 1A e 1B. Ler expressivamente para eles a história escolhida, valorizando a atmosfera de cada trecho: suspense, humor, tensão, alegria etc. A leitura deve ser marcante e focada na dramatização.
- 5 Na sequência, solicitar ao grupo 1A que reconte a história por escrito e ao grupo 1B que a reconte oralmente, gravando o registro. Os dois grupos devem estar separados neste momento.
- 6 Depois disso, o grupo 1A deve entregar o registro escrito ao grupo 2A, solicitando ao grupo que leia o texto, guarde-o e depois reconte a mesma história, por escrito, com suas palavras.
- 7 O mesmo deve ocorrer com o grupo 2B: pedir aos alunos que ouçam apenas uma vez a história gravada e a recontem, também gravando a narração.



- 8 Repetir todo o processo com os grupos 3A e 3B: entregar o registro escrito do grupo 2A ao grupo 3A, solicitando ao grupo que leia e recontе a história, por escrito, com suas palavras. Pedir ao grupo 3B que ouça apenas uma vez a história gravada pelo grupo 2B e, na sequência, recontе-a, gravando a narração.
- 9 Terminado o processo de reconto, comparar as últimas versões com as primeiras, levantando um debate com base nas seguintes questões: Houve alteração da história? Houve alteração de entonação nos trechos lidos? Houve mais alterações na versão escrita ou na versão contada oralmente? Os pontos alterados foram os mesmos na versão escrita e na contada?
- 10 Registrar as etapas do projeto por meio de fotografias ou vídeos e, após a conclusão, recuperar as imagens para avaliar oralmente, com a turma, o que cada um aprendeu ao longo do projeto.

Elaboração: Januária Cristina Alves